

**O CONHECIMENTO SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE LEISHMANIOSE E
DENGUE DOS IDOSOS ACIMA DE 60 ANOS DO BAIRRO PARACATUZINHO,
PARACATU-MG**

Luiza Silva Porto¹
Ana Flavia Assis Moura²
Gabriela Alves de Lima Moreira³
Hilal Shawqi Hilal Naser⁴
Virgilio Dias Furtado Mendonça⁵
Talitha Araújo Faria⁶
Helvécio Bueno⁷

RESUMO

O Brasil, por apresentar uma grande faixa territorial com clima subtropical, demonstra a preocupação com determinadas doenças que são favorecidas por esse clima. Dentre elas, estão a leishmaniose e a dengue, ambas transmitidas por mosquitos hematófagos e que podem ser prevenidas. Os idosos representam um grupo de risco para o acometimento dessas doenças. Na cidade de Paracatu, em Minas Gerais, essas doenças são endêmicas e preocupam ainda mais a saúde pública devido ao pouco conhecimento acerca delas que a população apresenta. Dessa forma, um questionário foi aplicado aos idosos acima de 60 anos do bairro Paracatuzinho para mensurar o nível de esclarecimento sobre as diferenças entre leishmaniose e dengue, incluindo perguntas sobre formas de transmissão, sinais e sintomas, tratamento e prevenção. É notável que a falta de conhecimento influencia muito na prevenção dessas doenças, sendo assim necessária campanhas de conscientização para a diminuição de casos na população.

Palavras chave: Dengue. Leishmaniose. Idoso.

ABSTRACT

Brazil, for presenting a large territorial range with subtropical climate, demonstrates the concern with certain diseases that are favored by the country location. Among them are

¹ Acadêmica de Medicina da Faculdade Atenas, Rua Santiago Dantas, número 66, Bairro Centro, CEP:38°600-000 Paracatu-MG, luizaportos@gmail.com, (38)88031915,

² Acadêmica de Medicina da Faculdade Atenas, anafaviassismoura@hotmail.com, (34)84033627,

³ Acadêmica de Medicina da Faculdade Atenas, gabilima.m@hotmail.com, (34)91504819,

⁴ Acadêmico de Medicina da Faculdade Atenas, hilalshawqi@hotmail.com, (61)98671312,

⁵ Acadêmico de Medicina da Faculdade Atenas, virgiliodfm04@gmail.com, (62)92265599,

⁶ Docente do curso de Medicina da Faculdade Atenas,

⁷ Docente do curso de Medicina da Faculdade Atenas.

leishmaniasis and dengue, both transmitted by mosquitoes bites and preventable. The elderly represent a risk group for those diseases. In the city of Paracatu, Minas Gerais, these diseases are endemic and a big concern to public health because of the low rate knowledge about them in the population. About that, a questionnaire was applied to the elderly over 60 years of Paracatuzinho neighborhood to measure the level of clarification about the differences between leishmaniasis and dengue, including questions about transmission, signs and symptoms, treatment and prevention. It is noticeable that the lack of knowledge has a big influence in preventing these diseases, being necessary awareness campaigns to reduce cases in the population.

Key words: Dengue. Leishmaniasis. Elderly.

INTRODUÇÃO

No Brasil, devido sua ampla área vegetativa de clima subtropical, se torna um excelente nicho ecológico, favorecendo o aparecimento de algumas doenças como a dengue, febre amarela, varíola, hepatites, e também como casos isolados de leishmaniose (BRASIL, 1996; IBGE, 2009).

A Leishmaniose, favorecida pelo clima brasileiro, é uma zoonose tropicalmente silvestre, que tem como reservatórios os marsupiais (Marsupialia), os roedores (Rodentia), as preguiças (Brandypodidae Megalonychidae), os tamanduás (Myrmecophgidae), os cães (*Canis lupus familiares*), os equinos e mulas (Equidae). Essa doença é transmitida pela picada do inseto hematófago conhecido como *Phletomus* ou *Lutzomya* (Tlelotamines), contaminado por qualquer espécie do protozoário do gênero *Leishmania*. Existem dois tipos de leishmaniose: a leishmaniose tegumentar ou cutânea e a leishmaniose visceral ou calazar. Na leishmaniose cutânea, a característica principal é a presença de úlceras na pele, enquanto na leishmaniose visceral há como sintomas a febre irregular e prolongada, acompanhada de anemia, falta de apetite, perda de peso e ascite. Elas se diferenciam também no tipo de reservatório mais comum em cada uma. Na leishmaniose cutânea a principal fonte de infecção são os roedores silvestres, preguiças e tamanduás, já a leishmaniose visceral tem como principal reservatório a raposa do campo (BRASIL, 2007; MIRANDA, 2008).

A leishmaniose pode ser prevenida a partir da adoção de algumas medidas como evitar construir moradias próximas à mata, usar mosquiteiros para dormir, usar telas de

proteção nas janelas, nas portas, eliminar cães portadores da leishmaniose visceral a fim de evitar casos humanos. Existe tratamento para a leishmaniose e este é imprescindível, pois a leishmaniose não tratada pode levar à morte (BRASIL, 2007).

A dengue é outra doença típica do clima tropical, transmitida ao homem pela picada do mosquito *Aedes aegypti*, de hábitos domésticos, que pica durante o dia e tem preferência pelo sangue humano. A dengue pode ser dividida de suas formas, sendo uma forma mais branda, que se assemelha a uma gripe com febre alta, causando fortes dores de cabeça e musculares, seguindo de erupções cutâneas. A forma mais grave, a dengue hemorrágica, tem como principais manifestações a hepatomegalia, irritabilidade, cansaço, letargia e hemorragias ao longo do corpo, sendo os principais pontos hemorrágicos as gengivas, tecido cutâneo, cérebro e intestino. A dengue hemorrágica pode levar à morte. Os sintomas surgem após um período de incubação de aproximadamente 6 dias. Para a prevenção, é imprescindível a participação da sociedade, ao melhorar a urbanização, habitação, higienização, educação. O tratamento da dengue em sua forma mais branda consiste basicamente em tratar os sintomas, como a febre. Já para o tratamento da dengue hemorrágica é necessário, além da intensa hidratação oral, também a hidratação por via intravenosa (ISHAK, 1987; FIGUEREDO et al., 1992; TAUIL, 2001; SANTOS, CABRAL E AUGUSTO, 2011; MSF, 2014).

Em um país com grande extensão como o Brasil, com um dos maiores países em extensão territorial, há uma maior facilidade para a propagação de doenças endêmicas. O estudo geográfico permite perceber a relação entre o homem e o meio, e a influência desses com os fatores biológicos. Muitas vezes, o desrespeito pelo meio ambiente, no momento em que o homem invade e destrói a natureza, contribui para que aumente a incidência de algumas doenças, como as citadas anteriormente (BRASIL, 1996; VASCONCELOS et al., 1998).

A quantidade de pessoas acima de 60 anos vem crescendo proporcionalmente na população geral, apresentando uma tendência ascendente. Esse envelhecimento na população demonstra que essa proporção está associada com o aumento da expectativa de vida e por compor um grupo de maior risco. Fatores que tornam necessários o conhecimento sobre as doenças típicas do clima tropical brasileiro e de principalmente aquelas que mais os afetam (BRASIL, 1996; ESTATUTO 2003; BRASIL, 2006; IBGE, 2009; NUNES et al., 2013).

Método

O desenho do estudo foi observacional descritivo transversal, com a utilização de um questionário aplicado aos idosos, com idade acima de 60 anos, residentes do bairro Paracatuzinho, localizado no município de Paracatu-MG. Foram os idosos escolhidos como

objeto do trabalho por eles constituírem um grupo de risco para muitas enfermidades, incluindo a leishmaniose e dengue, que foram estudadas. Além disso, é conhecido que as pessoas dessa faixa etária possuem mais animais domésticos. Porém, foram excluídos os idosos que não demonstraram capacidade cognitiva para entendimento dos propósitos da pesquisa e para responder adequadamente ao questionário utilizado.

A amostra da pesquisa foi estimada com base no número de idosos que habita o bairro Paracatuzinho, tendo uma prevalência de 50% com um erro aceitável de 5% para cada intervalo de confiança de 95,5%. Obtendo-se o número de 136 domicílios amostral (um idoso por domicílio), em uma população de aproximadamente 5.200 habitantes, onde habitam cerca de 406 idosos atendidos pelo PSF Paracatuzinho. A seleção dos entrevistados foi feita de maneira aleatória, realizando um sorteio entre os domicílios situados no bairro Paracatuzinho em que residem idosos e caso necessário, outro sorteio entre os idosos residentes na mesma casa. Estes, antes da aplicação do questionário, foram informados da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. A amostra foi calculada utilizando o programa Epi Info versão 6.04 d.

Foi montado um questionário estruturado e realizado o teste piloto com as seguintes variáveis: o conhecimento da população sobre as diferenças entre leishmaniose e dengue, formas de transmissão, sintomas, tratamento e profilaxia de ambas doenças. As coletas foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2014, sendo que os pesquisados foram escolhidos aleatoriamente.

O trabalho foi enviado para o Comitê de Ética da Faculdade Atenas para ser analisado.

Para cálculo e tabulação dos dados foi utilizado o programa Excel (2013).

Resultados

A amostra estudada foi constituída por 180 idosos, residentes no bairro Paracatuzinho, na cidade de Paracatu. Houve uma perda amostral de 1,66% do total, visto que a amostra inicial consistia em 183 idosos.

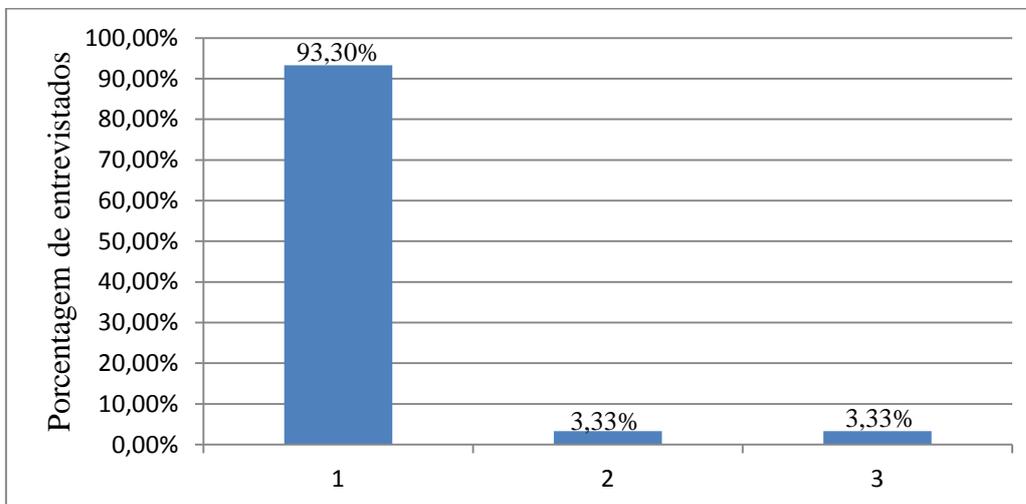
Resultados referentes à amostra geral

Dos 180 entrevistados, 45,55% afirmou saber diferenciar a leishmaniose da dengue, enquanto os outros 54,44% disseram que não sabem diferenciar essas doenças.

Conforme indica o gráfico 1, cerca de 93,33% dos idosos questionados afirmaram que a dengue é contraída através da picada do mosquito contaminado com o vírus específico da doença. Do restante do grupo analisado, 3,33% disse que a mordida de cachorro é

responsável pela transmissão da dengue e os outros 3,33% escolheram a opção em que a contaminação era decorrente do contato com um paciente contaminado.

Gráfico 1: Formas de transmissão da dengue segundo os entrevistados



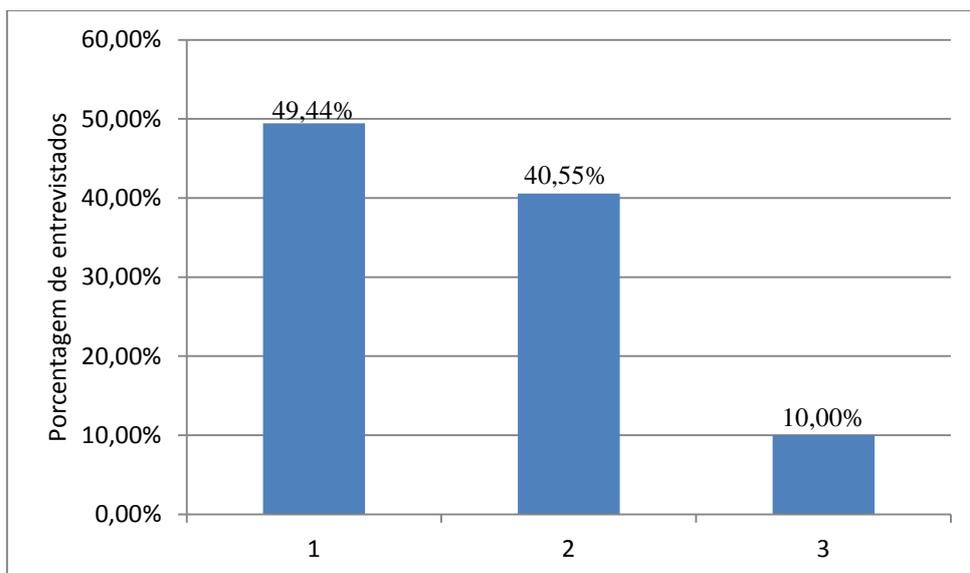
Quando questionados sobre a sintomatologia da dengue, 90% dos idosos disseram que febre alta, dor de cabeça e dor atrás dos olhos caracterizam a doença, enquanto 7,22% escolheram diarreia, febre intermitente e ascite como sintomas da dengue. Os 2,77% restantes afirmaram que a sintomatologia da dengue não é nenhuma das alternativas.

Um dos questionamentos foi se uma mesma pessoa poderia contrair a dengue mais de uma vez. Da amostra, 88,33% acredita que sim e em contraste a isto, 11,66% afirma que não. Também, quando questionados sobre os cuidados que devem ser tomados para evitar a dengue, 94,44% escolheu eliminar água parada, fazer uso de mosquiteiros e colocar tela nas janelas e os outros 5,55% da amostra disse que para evitar a dengue, é necessário combater o barbeiro, não comer alimentos crus e evitar contato com pessoas doentes.

Durante a coleta dos questionários, 84,44% dos idosos disseram que não se pode fazer uso de qualquer medicamento em caso de suspeita de dengue, enquanto 15,55% deles disseram que não há problemas em se automedicar no caso da dengue. Além disso, cerca de 81,66% acredita que não existe vacina para a dengue, enquanto 18,33% acredita que existe.

Conforme demonstra o gráfico 2, 49,44% dos entrevistados disseram que a forma de contágio da leishmaniose é através da picada de mosquito contaminado, 40,55% disse que é através da mordida de cachorro e o restante, 10% afirma que a contaminação se dá pelo contato com pacientes contaminados.

Gráfico 2: Formas de transmissão da leishmaniose segundo os entrevistados



Dos entrevistados, 56,66% acredita que a sintomatologia da leishmaniose é caracterizada pela febre intermitente, diarreia e emagrecimento. Enquanto 19,44% diz que o paciente com leishmaniose sente dor de cabeça, dor atrás dos olhos e febre alta, e os 23,88% restantes escolheu a opção nenhuma das anteriores como melhor para descrever os sintomas da leishmaniose.

Quando foi perguntado se apenas o ser humano poderia se contaminar pela leishmaniose, 66,66% disseram que não, e 33,33% da amostra analisada respondeu que sim, que nenhum animal além do homem adquire leishmaniose.

Também foi observado que 64,44% dos idosos questionados acreditam que para evitar a leishmaniose é preciso colocar tela nas janelas e ficar atento à saúde dos cães e gatos. Em contra análise, 17,77% acredita que é preciso evitar água parada e os outros 17,77% diz que é preciso tomar a vacina. Além disso, 63,88% da amostra disse que não existe vacina para a leishmaniose, e 36,11% disse que existe sim.

Resultados relatados em entrevistas com mulheres

Cerca de 42% do total de entrevistados eram mulheres. Desses, 43,42% disseram saber diferenciar leishmaniose e dengue e 56,57% disseram que não sabem diferenciar essas doenças.

Perguntadas sobre a forma de transmissão da dengue: 96,05% responderam ser a picada do mosquito contaminado a responsável pela transmissão, outros 2,63% afirmaram ser a mordida de cachorro e 1,31% responderam ser o contato com pessoas contaminadas o responsável pelo contágio.

Questionadas sobre os sintomas: 90,78 % afirmaram ser a diarreia, febre alta e dor atrás dos olhos, os sintomas marcantes. Outros 7,89% responderam diarreia, febre intermitente por semanas e barriga inchada, enquanto 1,31% responderam que a sintomatologia da dengue não era nenhuma das anteriores.

Em relação a possibilidade de uma mesma pessoa contrair dengue outras vezes:85,52 % responderam 'sim' a essa pergunta e outras 14,47% negaram a possibilidade de contrair dengue mais de uma vez.

Sobre as formas de se evitar a dengue, dentre as alternativas apresentadas, 94,73 % responderam que é necessário eliminar água parada, fazer uso de mosquiteiros e colocar telas nas janelas e outras 5,26 % responderam ser importante o combate ao barbeiro, não comer alimentos crus e evitar o contato com pessoas doentes.

Quando perguntadas se os doentes podem tomar qualquer medicação no caso da dengue: 13,15% responderam que podem sim e 86,84% responderam que não.

Em relação a vacina, 22,36% afirmaram existir vacina para a dengue e outras 77,63 % afirmaram que não existe.

Sobre a leishmaniose: 53,94 % acreditam que seu meio de transmissão é a picada do mosquito contaminado, 11,84% afirmam que o contágio é decorrente do contato com uma pessoa contaminada e outras 34,21% acham que a mordida do cachorro é a responsável pela transmissão.

Sobre os sintomas da leishmaniose: 61,84% acham ser a diarreia, emagrecimento e febre recorrente a sintomatologia característica, enquanto 14,47% acreditam ser a dor de cabeça, dor atrás dos olhos e febre alta e 23,68% acreditam não ser nenhuma das alternativas anteriores.

Questionadas se apenas o ser humano pode ter leishmaniose, 28,94% responderam sim e outras 71,04 % responderam não.

Sobre as maneiras de evitar a leishmaniose: 65,78% responderam ser importante colocar tela nas janelas e ficar atento à saúde de cães e gatos, outros 21,05% afirmam que a prevenção é por meio de vacina e 13,15% responderam que é importante evitar água parada.

Sobre a vacina para a leishmaniose, 36,84% responderam que ela existe enquanto outras 63,15 % responderam que não.

Resultados relatados em entrevistas com homens:

Cerca de 58% do total de entrevistados eram homens. Desses, 47,11% disseram saber diferenciar leishmaniose e dengue enquanto 36,53% disseram que não sabem diferenciar essas doenças.

Perguntados sobre a forma de transmissão da dengue, 91,34% responderam ser a picada do mosquito contaminado a responsável pela transmissão, outros 3,8% afirmaram ser a mordida de cachorro e 4,8% responderam ser o contato com pessoas contaminadas o responsável pelo contágio.

Questionados sobre os sintomas, 89,42% afirmaram ser a diarreia, febre alta e dor atrás dos olhos, os sintomas marcantes. Outros 6,73% responderam diarreia, febre intermitente por semanas e barriga inchada, enquanto 3,84% responderam que a sintomatologia da dengue não era nenhuma das anteriores.

Em relação a possibilidade de uma mesma pessoa contrair dengue outras vezes, 90,38% responderam 'sim' a essa pergunta e outros 9,61% negaram a possibilidade de contrair dengue mais de uma vez.

Sobre as formas de se evitar a dengue, dentre as alternativas apresentadas, 94,23% responderam que é necessário eliminar água parada, fazer uso de mosquiteiros e colocar telas nas janelas e outros 5,76% responderam ser importante o combate ao barbeiro, não comer alimentos crus e evitar o contato com pessoas doentes.

Quando perguntados se os doentes podem tomar qualquer medicação no caso da dengue, 17,30% responderam que podem sim e 82,69% responderam que não. Em relação a vacina, 14,42% afirmaram existir vacina para a dengue e outros 84,61 afirmaram que não existe.

Sobre a leishmaniose, 51,9% acreditam que seu meio de transmissão é a picada do mosquito contaminado, 8,65% afirmam que o contágio é decorrente do contato com uma pessoa contaminada e outros 45,19% acham que a mordida do cachorro é a responsável pela transmissão.

Sobre os sintomas da leishmaniose, 52,88% acham ser a diarreia, emagrecimento e febre recorrente a sintomatologia característica, enquanto 23,07% acreditam ser a dor de cabeça, dor atrás dos olhos e febre alta, enquanto 45,19% acreditam não ser nenhuma das alternativas anteriores.

Questionados se apenas o ser humano pode ter leishmaniose, 36,55 % responderam sim e outros 63,46% responderam não.

Em relação às maneiras de evitar a leishmaniose, 63,46% responderam ser importante colocar tela nas janelas e ficarem atentos à saúde de cães e gatos, outros 14,42% afirmam que a prevenção é por meio de vacina e 21,15% responderam que é importante evitar água parada.

Sobre a vacina para a leishmaniose, 35,57% responderam que ela existe enquanto outros 64,42% responderam que não.

Observações

Foi observado durante as análises dos questionários que, os participantes do estudo, por falta de informação, confundiam vacina com injeção, gerando assim repostas equivocadas em relação a este item.

Notou-se também uma confusão entre a leishmaniose e a dengue, isso acarretou em respostas aonde o pesquisado trocava os sintomas e as precauções das duas enfermidades.

Durante a aplicação dos questionários foi observado em algumas situações uma discrepância entre as repostas. Na primeira pergunta realizada “Você sabe diferenciar leishmaniose de dengue?” os pesquisados em algumas situações, pelo fato de ser um questionário, se sentiam com medo de responder “não” e respondiam “sim” porem, após a análise das outras repostas ficava claro que o entrevistado não sabia diferenciar essas duas doenças.

DISCUSSÃO

A população do bairro do Paracatuzinho demonstra pouco conhecimento sobre a Leishmaniose, mesmo apresentando uma alta taxa de incidência. Em um estudo demonstrou que coeficiente de incidência da Leishmaniose no Brasil foi de 1,9/100.000 habitantes, já no município de Paracatu, Minas Gerais, o coeficiente de incidência para essa mesma doença foi de 33/100.000, no período de 2007 a 2010, caracterizando como um dos municípios com maior prevalência de Leishmaniose no estado de Minas Gerais (OLIVEIRA,2011).

Em relação a sintomatologia, o pesquisados apresentou esta por dentro, respondendo que dentro dos principais sintomas da leishmaniose visceral esta: febre intermitente com semanas de duração, fraqueza, perda de apetite, emagrecimento, anemia, palidez, diarreia (ALVARENGA et al., 2010).

Os homens são apontados com maior falta de conhecimento em relação as mulheres, sendo que sexo masculino é apontado com maior frequência de contaminação pela Leishmaniose (OLIVEIRA,2011; ALVARENGA et al.,2010).

A grande maioria dos entrevistados demonstrou conhecimento sobre a transmissão da Leishmaniose e sua relação com os animais. Comprovando o que esta descrita por alguns

autores, em que o homem é um hospedeiro acidental desse parasita, e os animais: cães, porcos e macacos, mesmo sadios são potentes reservatórios por serem fontes de alimentação para os vetores (GAMA, M.E.A. et al, 1998).

De modo geral, os dados coletados mostraram que, quando questionados se sabiam diferenciar dengue de leishmaniose, a maioria das mulheres respondeu não, enquanto a maioria dos homens respondeu sim. No entanto, a análise dos dados permitiu observar que o conhecimento das mulheres é, mesmo que ligeiramente, maior que a dos homens. Esse relativo domínio do sexo feminino sobre os conhecimentos abordados na pesquisa já contradiz o relatado em outro estudo, realizado em São José do Rio Preto, em 1997 (CHIARAVALLOTI-NETO,1997).

Sobre a dengue, a maioria das mulheres, mostraram ter domínio sobre a doença, suas formas de transmissão, sintomas e outros conhecimentos importantes. Em relação a leishmaniose a maioria delas também demonstrou conhecimento sobre a doença mas, em proporção menor se comparada à dengue. No sexo masculino, a porcentagem de acertos ao questionamentos sobre a dengue foi maior do que os em relação a leishmaniose.

A diferença encontrada na quantidade de acertos entre homens e mulheres, onde o sexo feminino mostrou mais conhecimento, pode ser explicado, devido à maior taxa de evasão escolar do sexo masculino em relação o sexo feminino. Segundo o IBGE (2011) 26,6% das brasileiras com idade entre 19 e 24 anos deixaram a escola antes do tempo contra 37,9% dos homens da mesma faixa etária.

A sintomatologia da dengue e suas formas de contaminação são fatores que estão bem esclarecidos e disseminados entre a população entrevistada, demonstrando o efeito das campanhas de combate à dengue, promovidas pelo Ministério da Saúde (CHIARAVALLOTI NETO et. al., 1998).

Esses resultados mostram que, mesmo a maioria dos entrevistados, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino, responderam corretamente as questões, o conhecimento dos mesmos sobre a dengue é maior que em relação à leishmaniose. Essa diferença não se deve apenas à maior ocorrência de uma doença em relação à outra, mas também ao fato de que a Dengue é muito mais discutida e divulgada em ações de promoção e prevenção a saúde do que a Leishmaniose. Mesmo que seja de suma importância a difusão da informação sobre a dengue, não se deve desvalorizar a necessidade de que a mesma atenção seja dada a Leishmaniose, doença que pode assumir formas graves e que afeta um importante número de habitantes da cidade de Paracatu e principalmente do bairro Paracatuzinho, local onde esse estudo foi realizado (OLIVEIRA,2011).

A preocupação em aferir o conhecimento da população idosa do bairro Paracatuzinho sobre os sintomas, sinais, transmissão e outras questões importantes sobre as doenças abordadas, se deve ao fato de que a informação é uma importante ferramenta na prevenção de doenças. Ao informar a população sobre os riscos da dengue, sobre a necessidade de se evitar o acúmulo de água parada, fica mais fácil prevenir a doença. Assim como a Leishmaniose, que tem uma de suas medidas preventivas a atenção à saúde de cães e gatos, que podem ser reservatórios para o protozoário causador da doença.

No que se refere as dificuldades encontradas pelos pesquisadores encontra-se a não aderência de alguns idosos à pesquisa, principalmente por se negarem a assinar o termo de esclarecimento e consentimento necessário. Também como dificuldade do trabalho relata-se os casos em que foi necessário retornar à residência do idoso uma ou duas vezes para encontra-los e aplicar o questionário. Lembrando que o questionário foi aplicado nos idosos residentes do bairro Paracatuzinho e cadastrados na unidade de saúde da família local.

Muitos entrevistados se mostraram confusos sobre a pergunta referente a existência ou não de vacina para as doenças (dengue e leishmaniose), muitos que responderam sim, demonstraram durante a entrevista o não conhecimento do que é uma vacina. Eles acharam que vacina era qualquer injeção, isso devido ao uso de seringa em ambas e desconheciam a função preventiva da vacina, ainda inexistente para humanos em ambas as doenças.

CONCLUSÃO

Os dados do estudo permitem concluir que ainda hoje existe pouco conhecimento sobre dengue e leishmaniose difundido entre os idosos do bairro Paracatuzinho em Paracatu – MG, que é uma população muito acometida por essas patologias. Mas, somado a isto, destaca-se o fato de que quando comparados os conhecimentos sobre as duas doenças, a leishmaniose ainda deixa mais dúvidas entre os pesquisados.

O estudo em questão buscou medir o conhecimento dos idosos do bairro Paracatuzinho sobre as diferenças entre leishmaniose e dengue. Mas, seria necessário que novos estudos analisassem o quanto outros grupos de diferentes faixas etárias do local conhecem sobre o assunto.

Nesse contexto, seria interessante que houvesse mais projetos de educação e conscientização sobre sintomatologia, medidas de prevenção e tratamento acerca da dengue e principalmente da leishmaniose. Esses projetos poderiam alcançar toda a população, para que assim fossem melhor prevenidas e diminuíssem os acometimentos. Da mesma maneira, faz-se necessário que os agentes de saúde do local estudado sejam melhor esclarecidos para que não repassem informações erradas a respeito dessas doenças.

Agradecimentos:

Os autores agradecem aos agentes de saúde da Unidade de Saúde da Família do bairro Paracatuzinho, pelas informações repassadas sobre os pesquisados e aos idosos entrevistados pela colaboração e disponibilidade em responder o questionário e o termo de consentimento livre e esclarecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional do idoso**. 1996. Brasília-DF: Ministério da Saúde.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Dengue Aspectos Epidemiológicos, Diagnóstico e Tratamento**. 2002. Brasília-DF: Ministério da Saúde.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 2006. 2. ed. Brasília-DF: Ministério da Saúde.

BRASIL, Senado Federal, Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações. **Estatuto do Idoso**. 2003. 42 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Manual de vigilância da leishmaniose tegumentar americana**. 2007. Brasília-DF: Ministério da Saúde.

GAMA, Mônica Elionor Alves; BARBOSA, Janaina de Sousa; PIRES, Benedito; CUNHA, Anna Karenine Braúna; FREITAS, Alecídia Ribeiro; RIBEIRO, Ionar Rezende; LOPES,

Jackson Maurício Lopes. **Avaliação do nível de conhecimento que populações residentes em áreas endêmicas tem de leishmaniose visceral**, Estado do Maranhão, Brasil. 1998.

FIGUEREDO, Luiz Tadeu Moraes; OWA, Miyoka Abe; CARLUCCI, Rita Helena; OLEVEIRA, Luzia. **Estudo sobre diagnóstico e sintomas do dengue, durante epidemia ocorrida na região de Ribeirão Preto, SP, Brasil**. Revista do Instituto Médico Tropical 1992, v.34, n.2, pp. 121-130.

GUIMARÃES, Esperança Lourenço Alberto Mabandane. **Conhecimento sobre Leishmaniose Visceral e prática das medidas de prevenção e controle por proprietários de cães em Belo Horizonte, 2010/2011**. Universidade Federal de Minas Gerais 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [online]. **Sobre a condição de saúde dos idosos: indicadores selecionados**. 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/com_sobre.pdf. Acesso em: 28 maio 2014.

ISHAK, Ricardo. **Dengue: Aspectos clínicos, epidemiológico, laboratorial e de profilaxia**. Revista Brasília Médica 1987, v.24, n.1/4. pp. 5-10.

LOLLI, Maria Carolina Gobbi dos Santos; LOLLI, Luiz Fernando; GUALDA, Késica Peres; SILVA, Larissa Lachi; MARCON, Sonia Silva; PELLOSO, Sandra Marisa; LONARDONI, Maria Vladrinez Campanha. **Observação sobre a epidemiologia e nível de conhecimento de leishmaniose tegumentar americana, em região endêmica no sul do Brasil**. Uberlândia 2011, v.27, n.5, pp. 849-855.

MIRANDA, Gabriela Morais Duarte. **Leishmaniose visceral em Pernambuco: a influência da urbanização e da desigualdade social**. Fundação Oswaldo Cruz 2008, 134.

MSF, Médicos sem fronteiras [online]. **Dengue**. 2014. Disponível em: <http://www.msf.org.br/conteudo/28/dengue/?gclid=CIHnosi5ur4CFScV7AodQkgAyg>. Acesso em: 28 maio 2014.

OLIVEIRA, Emilia Nascimento. **Perfil epidemiológico da leishmaniose no município de Paracatu-MG no período de 2007 a 2010**. 2011.

NETO, Francisco Chiaravalloti. **Conhecimento da população sobre dengue, seus vetores e medidas de controle em São José do Rio Preto, São Paulo.** 1997.

NUNES, ElaneRafaella Cordeiro; ALMEIDA, Debora Bezerra; GONÇALVES, Maria Aparecida; SILVA, Marciana Rodrigues; MARCÁRIO, Vânia; JUNIOR, Arnaldo G. Medeiros; ROSA, Maria das Graças Santos; RODRIGUES, Alice Elaine Nunes. **Percepção dos idosos sobre o conhecimento e profilaxias de zoonoses parasitárias.** Disponível em: <http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0706-1.pdf>. Acesso em 02 Jun. 2014.

OLIVEIRA, Emília Nascimento. **Perfil epidemiológico da Leishmaniose Visceral no município de Paracatu-MG no período de 2007 a 2010.** Polo Uberaba, Minas Gerais. 2011.

SANTOS, Solange Laurentino; CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira, AUGUSTO, Lia Geraldo da Silva. **Conhecimento, atitude e prática sobre dengue, seu vetor e ações de controle em uma comunidade urbana do Nordeste.** Revista Ciência & Saúde Coletiva 2011, v.16, n.1, pp. 1319-1330.

TAUIL, Pedro Luiz. **Urbanização e ecologia de dengue.** Caderno de Saúde Pública 2001, v.17, pp. 99-102.

VASCONCELOS, Pedro F C; LIMA, Jose Wellington O; ROSA, Amelia P A Travasso; TIMBÓ, Maria J; ROSA, Elizabeth S Travasso; LIMA, Hascalon R; RODRIGUES, Sueli G; ROSA, Jorge F S Travasso. **Epidemia de dengue em Fortaleza, Ceará: inquérito soro epidemiológico aleatório.** Revista de Saúde Pública 1998, v.32, n.5, pp. 447 – 454